

HABILIDADES EMPREENDEDORAS: UM ESTUDO COMPARATIVO NO SETOR RURAL

ENTREPRENEURIAL CHARACTERISTIC: ONE COMPARATIVE STUDY ABOUT RURAL SEGMENT

Antonio Costa Gomes Filho*
Adriane de Fátima Machado**
Christlaine Caroline de Souza***
Luana da Silva Garcia****
Sandro Rautenberg*****

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar resultado de estudo comparativo feito em duas cidades brasileiras, sobre habilidades empreendedoras no setor rural, com destaque à característica correr riscos calculados. Como abordagem metodológica, é adotado o método hipotético-dedutivo. O questionário utilizado contém 30 perguntas, destas, foram mensuradas 10 características empreendedoras, permitindo traçar um quadro comparativo. Os dados primários desta pesquisa são oriundos da cidade de Turvo-PR. Como dados secundários, utiliza-se um conjunto coletado na cidade de Itapiranga-SC. Para ambas as cidades é utilizado o mesmo instrumento de coleta de dados. Considerando somente a cidade de Turvo-PR, cinco análises são discutidas para comprovar a hipótese lançada no método da pesquisa. Nos testes de hipóteses um, três, quatro e cinco, são aceitas as hipóteses H₀ como válidas. Já no teste número dois, a hipótese H₁ é confirmada. Diante desses resultados, comparativamente, pode-se afirmar que Turvo-PR e Itapiranga-SC não apresentam o mesmo padrão.

Palavras-chave: Características Empreendedoras. Empreendedorismo Rural. Perfil Empreendedor. Correr Riscos Calculados.

ABSTRACT

This article aims to show results of comparative studies realized at two brazilians' cities, about skills entrepreneur on rural segment, in special analyses the risk taking. As the methodological approach, the hypothetical-deductive method was adopted. The questionnaire is formed by 30 questions, so, 10 entrepreneurial characteristics was measured, allowing to design comparative studies. The primary data of this research come from the city of Turvo-PR. As secondary data, a dataset coming from the city of Itapiranga-SC is used. For both cities, the same instrument for collecting data was used. Considering the city of Turvo-PR, five analyses are discussed to prove the initial hypotheses. In test of hypothesis number one, three, four and five the hypothesis H₀ is

* Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. acgfilho@unicentro.br

** Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. vidaminha20@hotmail.com

*** Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. lainesouza_57@hotmail.com

**** Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. luanagarcia1198@gmail.com

***** Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. sandro.rautenberg@gmail.com

accepted as valid. In test number two, the hypothesis H1 is confirmed. As conclusion, we stand that Turvo-PR and Itapiranga-SC do not present the same pattern.

Keywords: Entrepreneurial Characteristics. Rural Entrepreneurship. Entrepreneur Profile. Taking Calculated Risks.

Introdução

Os estudos sobre empreendedorismo, conceito como hoje é conhecido, remontam ao século XVII. Atribui-se a Cantillon as primeiras bases conceituais sobre o tema. Posteriormente, no século XVIII, Say deu sequência ao avanço na área e Schumpeter, no século XIX, consolidou o campo, firmando-se como maior referência na atualidade (SCHUMPETER, 1983).

No século XX o empreendedorismo evoluiu conceitualmente, ao ponto de ser um campo de estudo quase autônomo, no entanto sua complexidade no entendimento tem sido foco de interesse de diversas áreas, dentre elas: a economia, a psicologia, a sociologia e a administração, que a partir da década de 1980, de forma mais acentuada, passou a incorporar o empreendedorismo em seu escopo de estudo.

No século XXI há que se destacar a existência de dois tipos de empreendedorismo: o empreendedorismo por oportunidade e o empreendedorismo por necessidade. “O empreendedorismo por oportunidade tem um significativo maior impacto sobre o crescimento econômico de um país do que o empreendedorismo por necessidade” (DEGEN, 2008, p. 1).

Segundo Degen (2008), na economia de um país, o empreendedorismo exerce papel fundamental; de um lado, o empreendedorismo por oportunidade auxilia no desenvolvimento sustentável e, de outro lado, o empreendedorismo por necessidade serve para eliminar a pobreza extrema. A questão do empreendedorismo por necessidade remete às definições de empreendedorismo que enfatizam a ação empreendedora na relação com o mercado, posto que a atividade capitalista é o cerne da ideia de empreender, tal como aparece nos escritos de Schumpeter (1983).

Numa perspectiva que abriga a questão social, autores contemporâneos falam a respeito da ação empreendedora como a criação do novo, podendo ser orientada para diferentes processos sociais de mudança, que vão muito além da orientação para criar valor econômico e que almejam a emancipação (RINDOVA *et al.*, 2009; GOSS *et al.*, 2011).

Um dos campos de estudo do empreendedorismo é a identificação das competências empreendedoras, a quase inexistência de trabalhos associados às competências empreendedoras no setor rural brasileiro é um entrave ao entendimento de sua magnitude. No entanto, isto pode ser visto como um estímulo para se compreender seus principais indicadores (BRACHT; WERLANG, 2015).

Para Ferreira, Lasso e Mainardes (2017) um produtor rural com as características: busca de realização, correr riscos, ser persistente, ter autoconfiança, otimismo e coragem para realizar um novo negócio pode ser considerado um verdadeiro empreendedor que possui a tendência para alcançar seus objetivos.

Os estudos atuais relacionam o empreendedorismo com: inovação, em primeiro lugar, e em segundo lugar, com riscos. Neste trabalho, correr riscos é o principal foco do estudo, conforme relembra Filion (1999, p. 7), “na visão de Cantillon, os empreendedores compravam matéria-prima – geralmente um produto agrícola – por certo preço, com o objetivo de processá-la e revendê-la por um preço ainda não definido”, portanto assumir riscos é característica do empreendedor rural desde os primeiros estudos sobre empreendedorismo, que se tem registro.

Na literatura atual, também é possível encontrar autores utilizando os termos: comportamento empreendedor, competências empreendedoras, para se referir às características empreendedoras. No contexto deste artigo, para se referir às características empreendedoras, adotar-se-á o termo habilidade, e não competência ou comportamento empreendedor, isso porque:

Na literatura de gestão do conhecimento faz-se referência às habilidades e na literatura de empreendedorismo faz-se referência às características empreendedoras. Na interpretação dos autores deste artigo, as características empreendedoras são como sinônimos de habilidades, visto que o fato de se possuir características empreendedoras desenvolvidas não garante por si só o sucesso dos empreendimentos, que demandam ação, ou seja, aplicação do conhecimento, e esse é o conceito de competência (GOMES FILHO; AVES, PEREIRA, 2015, p. 120).

A justificativa da pesquisa se faz pela necessidade de preencher lacunas sobre estudos na área de empreendedorismo rural, bem como gerar subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas que contribuam ao desenvolvimento regional.

Este artigo tem por objetivo apresentar resultado de estudo comparativo feito em duas cidades brasileiras, sobre habilidades empreendedoras no setor rural, com destaque à característica correr riscos calculados.

O artigo está estruturado em introdução, referencial teórico, metodologia, resultados, conclusão e referências.

1 Quadro Teórico

O empreendedorismo, enquanto conceito foi sistematizado por meio da Teoria do Desenvolvimento Econômico, proposta por Schumpeter, e trouxe estímulo ao desenvolvimento dos negócios, à introdução de novas formas de produzir e à criação de novas relações de trabalho (BARROS; PEREIRA, 2008).

Já para Feger *et al.* (2008), o empreendedorismo tem despertado interesse tanto no meio acadêmico quanto no meio empresarial público, pois o empreendedorismo exerce papel de destaque na geração de emprego e renda.

Nos estudos de Brancher, Oliveira e Roncon (2012) aparecem a significativa contribuição dos empreendedores para a economia, esses autores ressaltam que o estudo do comportamento empreendedor ganhou destaque no mundo contemporâneo, e que isso foi verificado pelo número crescente de publicações, com relação aos autores mais utilizados, destacou-se: Louis Jacques Filion, David C. McClelland, Joseph Schumpeter e Fernando Dolabela.

A caracterização do empreendedorismo em: empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade é destacada em Degen (2008), o empreendedorismo por necessidade advém da situação em que a pessoa está empregada e ao perder seu emprego é obrigada a sobreviver, abrindo um novo negócio, já o empreendedorismo por oportunidade advém da situação em que o país está em desenvolvimento e oferece novos campos de criação de empresas, a exemplo das *startups* em que o empreendedor cria uma nova empresa como sua opção de carreira. Nos estudos de Sahasranamam e Sud (2016) fica comprovado que as pessoas que estão empregadas possuem mais propensão ao empreendedorismo por necessidade, esses autores fazem um estudo comparativo na China e na Índia sobre o empreendedorismo por oportunidade versus por necessidade, sendo a análise aplicada a esse contexto.

No relatório de 2015, o GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) pontua que, no Brasil, cerca de 80 milhões de brasileiros, (39,3% da população), estavam envolvidos em atividades empreendedoras (GEM, 2015). Com relação aos empreendimentos nascentes, “o aumento na taxa de empreendedorismo novo foi pequeno, de 13,8% em 2014 para 14,9% em 2015. Além disso, [...] o crescimento da taxa de empreendedorismo nascente

está relacionado principalmente ao aumento do empreendedorismo por necessidade” (GEM, 2015, p. 29).

Na área rural, o êxodo rural, além de políticas públicas deficientes que não incentivem o homem a permanecer no campo podem ser fatores que levam ao empreendedorismo por necessidade.

1.1 Empreendedorismo Rural

No trabalho de Silva *et al.* (2009), apresenta-se a importância do empreendedor rural para equacionar a produção no agronegócio. Os autores realizaram uma revisão bibliográfica em livros, periódicos e sites especializados para demonstrar que a administração rural é uma das ferramentas indispensáveis para alcançar os objetivos dentro do agronegócio. No trabalho, foi considerado como variáveis: o cenário político agrícola, a formação profissional do empreendedor em agronegócios, a administração e a gestão rural.

A depender da atitude do empreendedor rural, é possível até praticar a exportação (TONDOLO; BITENCOURT; TONDOLO; 2001).

As políticas públicas para o empreendedorismo rural devem ser geridas eficientemente, de forma a garantir ao empreendedor rural sua inserção no mercado e, por consequência, sua sustentabilidade.

Ao longo dos últimos anos, tem se tornado claro para a comunidade acadêmica, empresarial, e para formuladores e gestores das políticas públicas, que a competitividade da agropecuária nacional – até mesmo da agricultura familiar – somente poderá ser construída, em bases sustentáveis, por meio da adoção de práticas que estimulem a cooperação entre os agentes econômicos de uma cadeia produtiva e, complementarmente, entre estes e os poderes governamentais (BATALHA; BUAINAIN; SOUZA FILHO, 2005, p. 3).

Ao tratar das pequenas propriedades, Oliveira (2008), cuja pesquisa pretendeu mapear as modalidades na contratação de trabalho no meio rural na região de Araraquara, concluiu que a situação descrita como políticas de desenvolvimento local e manutenção da cooperação e da troca de informações podem ser destacadas dentro de um modelo italiano de redes de pequenas e médias empresas, porque possibilitam a reativação dos saberes contextuais e competências profissionais.

Segundo Wilkinson (2003), existem os espaços institucionais entre setores públicos e privados e o surgimento de um novo quadro institucional, que está definindo as regras

desse jogo doméstico de cada país e adequando às regras da Organização Mundial do Comércio. O autor avalia as implicações desse novo cenário destacando as medidas de inovação adaptativa por parte de pequenos grupos de agricultores.

Portanto, parece haver três elementos importantes para a prática do empreendedorismo rural: inovação que possibilita a exportação, políticas públicas e atitude do empreendedor.

No artigo de Covas e Covas (2009) é encontrado o conceito de agrocultura, que é cultura da paisagem global e da agricultura, com valorização dos territórios primários e dos seus atributos mais essenciais. Conforme Covas e Covas (2009) explicam: (i) os produtos *glocais* carregam uma dupla responsabilidade; (ii) a responsabilidade é global e local, sendo esses produtos a representação do novo mundo rural em formação e (iii) uma cultura rural pós-agrícola ou pós-convencional que está por chegar por meio de vias diversas.

E pensa-se que uma dessas vias seja o empreendedorismo rural, ainda pouco explorado enquanto campo de estudo da área de empreendedorismo.

1.2 Programas e projetos de empreendedorismo rural

Para Fachini *et al.* (2006), os governos das três esferas devem criar mecanismos sustentáveis para a incubação de empresas do setor agropecuário, para melhorar as condições de competitividade do setor agropecuário brasileiro.

Um dos exemplos é o Projeto Londrina Tecnópolis. As atividades desenvolvidas no âmbito do programa Agricultura Familiar, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento na cidade de Londrina, no Paraná, são descritas por Ruiz *et al.* (2002). Esse programa oferece subsídios para a plataforma agroalimentar (PLATALI), do projeto Londrina Tecnópolis desde o ano 2000; os autores realizaram entrevistas com os envolvidos no projeto, levantaram bibliografia sobre o assunto, participaram de seminários com os produtores, sistematizaram as informações, submeteram aos técnicos da área para análise e apresentaram a redação final, cujos resultados foram: a implementação do banco de dados das indústrias de Londrina e sua atualização permanente, confecção de folder com informações relacionadas a crédito para distribuição aos processadores de alimentos, disponibilização de informações técnicas sobre materiais e equipamentos a serem utilizados na agroindústria familiar (catálogos e guias), promoção do curso sobre uso de

condimentos em embutidos e defumados e assessoria empresarial aos produtores (RUIZ *et al.*, 2002).

Outras possibilidades de programas e projetos no meio rural podem advir de atividades não agrícolas. Em Pellin (2004) são encontradas referências sobre a atividade turística no espaço rural em Santa Catarina, em que ele diz que a atividade turística vem se consolidando no meio rural e que, por exemplo, na região de Itajaí, sul e oeste concentram-se 70% de todos os empreendimentos turísticos, esse mesmo autor conclui que o desenvolvimento de atividades turísticas apresenta pontos positivos para o meio rural.

Os autores Miyazaki e Nazzari (2005) apresentam os resultados do projeto “gestão das unidades artesanais” que exemplificam os desafios da agricultura familiar no Brasil, com caminhos alternativos em relação à economia tradicional. Eles concluíram que o capital social possui componentes importantes para o produtor rural, a comercialização dos produtos artesanais e a gestão de negócios agrícolas contribuem com a inclusão social, os resultados da pesquisa de Miyazaki e Nazzari (2005) mostram que as variáveis do capital social são a confiança, a cooperação e a participação política dos cidadãos, que colaboram ao incremento das políticas públicas e à eficácia para o desenvolvimento das comunidades.

As primeiras informações levantadas pelo projeto de pesquisa “incubadora de agronegócios: projetos no Sudoeste Paulista” são apresentadas por Fachini *et al.* (2006). Os autores afirmam que “a incubadora tem a finalidade de capacitar e monitorar um empreendimento até torná-lo autossustentável- um mecanismo semelhante, em tese, às incubadoras de ovos. O uso do termo foi mundialmente adotado porque significa chocar, num processo de aquecer ovos até colidirem, gerando seres autossuficientes” (FACHINI *et al.*, 2006, p. 37).

A partir de estudos realizados sobre as percepções de risco ambiental dos moradores e empreendedores de turismo rural de três colônias polonesas da Bacia do Rio Verde, região metropolitana de Curitiba, Braga *et al.* (2009), tomam por referência a teoria social do risco e verificam as aproximações entre a percepção dos habitantes e os pressupostos da teoria social de risco, fornecendo, ainda, subsídios para um programa de educação ambiental a ser discutido num momento posterior.

Os programas e projetos na área de empreendedorismo rural parecem ser o caminho para a concretização da cultura empreendedora no campo, pois permitem agregar valor, propiciando aos empreendedores trabalhar em redes de negócios.

1.3 Características empreendedoras

Um dos pioneiros no estudo da motivação para empreender foi David McClelland, que, numa de suas parcerias com a Agência de Desenvolvimento Econômico dos Estados Unidos, desenvolveu um estudo que visava a identificação de características comportamentais empreendedoras em países emergentes, a consequência dos estudos foi o desenvolvimento de um questionário que proporciona eficiência no uso em treinamentos em prol do empreendedorismo (MANSFIELD *et al.*, 1987).

Posteriormente, Cooley (1990) revisou e adaptou o modelo de McClelland, apresentando ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU). Esse modelo passou a ser utilizado tanto pelo PNDU como também no Brasil, pelo SEBRAE (2008), conforme relembra Zampier, Takahashi e Fernandes (2012).

Segundo Lenzi (2008), as dez características definidas por Cooley (1990) são utilizadas pelo Programa para Empresários e Futuros Empreendedores (EMPRETEC – SEBRAE) e foram apresentadas no seminário para fundadores de empresas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de Empreendedores (PNDU).

A literatura do empreendedorismo fala em características empreendedoras, mas passados mais de vinte anos, desde a interpretação de Cooley (1990), autores como Bracht e Werlang (2015), talvez influenciados pela literatura de Gestão do Conhecimento, adotam o termo competências empreendedoras ao que deveria ser denominado de habilidades (GOMES FILHO; ALVES; PEREIRA, 2015) ou comportamento empreendedor (ZAMPIER; TAKAHASHI; FERNANDES, 2012).

Independente da questão semântica, as dez competências, habilidades ou características de comportamento empreendedor, têm sido utilizadas como parâmetro de avaliação e treinamento de empreendedores, e também serviram de aporte a estudos como os desenvolvidos por Morales (2004), Mamede e Moreira (2005), Lenzi (2008), Gomes Filho Honesko e Silva (2011), Lana *et al.* (2013).

O modelo utilizado pelo SEBRAE (2008), que foi desenvolvido por Cooley (1990), pode ser conferido no Quadro 1, que destaca as características de comportamento empreendedor:

Quadro 1: Características empreendedoras

CONJUNTO DE REALIZAÇÃO	<p>1. Busca de oportunidade e iniciativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - faz coisas antes do solicitado ou, antes de forçado pelas circunstâncias; - age para expandir o negócio a novas áreas, produtos ou serviços; - aproveita oportunidades fora do comum para começar um negócio, obter financiamentos, equipamentos, terrenos, local de trabalho ou assistência. <p>2. Correr riscos calculados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - avalia alternativas e calcula riscos deliberadamente; - age para reduzir os riscos ou controlar os resultados; - coloca-se em situações que implicam desafios ou riscos moderados. <p>3. Exigência de qualidade e eficiência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - encontra maneiras de fazer as coisas melhor e/ou mais rápido, ou mais barato; - age de maneira a fazer coisas que satisfazem ou excedem padrões de excelência; - desenvolve ou utiliza procedimentos para assegurar que o trabalho seja terminado a tempo ou que o trabalho atenda a padrões de qualidade previamente combinados. <p>4. Persistência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - age diante de um obstáculo; - age repetidamente ou muda de estratégia a fim de enfrentar um desafio ou superar um obstáculo; - assume responsabilidade pessoal pelo desempenho necessário para atingir as metas e objetivos. <p>5. Comprometimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - faz um sacrifício pessoal ou despense um esforço extraordinário para complementar uma tarefa; - colabora com os empregados ou se coloca no lugar deles, se necessário, para terminar um trabalho; - esforça-se para manter os clientes satisfeitos e coloca em primeiro lugar a boa vontade em longo prazo, acima do lucro em curto prazo.
CONJUNTO DE PLANEJAMENTO	<p>6. Busca de informações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - dedica-se pessoalmente a obter informações de clientes, fornecedores e concorrentes; - investiga pessoalmente como fabricar um produto ou fornecer um serviço; - consulta os especialistas para obter assessoria técnica ou comercial. <p>7. Estabelecimento de metas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - estabelece metas e objetivos que são desafiantes e que tem significado pessoal; - define metas em longo prazo, claras e específicas; - estabelece metas em curto prazo, mensuráveis. <p>8. Planejamento e monitoramento sistemáticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - planeja dividindo tarefas de grande porte em sub-tarefas com prazos definidos; - constantemente revisa seus planos levando em conta os resultados obtidos e mudanças circunstanciais; - mantém registros financeiros e utiliza-os para tomar decisões.
CONJUNTO DE PODER	<p>9. Persuasão e rede de contatos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - utiliza estratégias deliberadas para influenciar ou persuadir os outros; - utiliza pessoas-chave como agentes para atingir seus próprios objetivos; - age para desenvolver e manter relações comerciais. <p>10. Independência e autoconfiança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - busca autonomia em relação a normas e controles de outros; - mantém seu ponto de vista, mesmo diante da oposição ou de resultados inicialmente desanimadores; - expressa confiança na sua própria capacidade de completar uma tarefa difícil ou de se enfrentar um desafio.

Fonte: Adaptado de Cooley (1990); Lenzi (2008); Bracht e Werlang (2015)

Acerca do desenvolvimento das características empreendedoras, que é um dos campos de estudo do empreendedorismo, cabe lembrar as palavras de Dolabela (1999), segundo ele, empreendedores não nascem feitos, mas é possível formá-los em moldes

diferentes do ensino tradicional, ou seja, o ambiente do empreendedor é o próprio mercado, pois ele aprende pelo processo interativo de tentativa e erro.

O risco é inerente à atividade empreendedora, o método de tentativa e erro pode levar ao insucesso empresarial, para ampliar a discussão sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento de empreendedores que vivenciaram o insucesso, Scherer e Minello (2014) realizaram uma pesquisa exploratória com 13 empreendedores paulistas; os resultados mostraram os estilos de enfrentamento mais utilizados: identificação projetiva, atuação e afiliação, o que significa que o empreendedor, durante o insucesso empresarial, projeta a outro a responsabilidade pelo seu fracasso, age sem o devido planejamento e a reflexão, mas busca ajuda para minimizar a situação; além disso foi encontrado como estigma do fracasso, a aliança ou apoio externo, a perturbação emocional e os aspectos econômicos, como as principais repercussões do fracasso empresarial.

Conforme relembra Barlach (2014), McClland foi um dos pioneiros a estudar a motivação humana e buscou entender a necessidade de realização. Esta necessidade não estaria relacionada com a genética, mas seria derivada do ambiente empreendedor, sendo formada a partir da cultura, da experiência e da aprendizagem. Dessa forma, os traços empreendedores seriam moldados pelo ambiente. Nessa crença, Barlach (2014) estudou 20 empreendedores que estavam vinculados ao Centro Incubador de empresas em São Paulo e 6 empreendedores ligados com a Incubadora Tecnológica e Social da EACH USP; os resultados mostraram que a decisão de empreender não tem relação biunívoca com a presença do comportamento empreendedor, conforme o referencial de McClelland.

Infere-se, a partir do parágrafo acima que possuir as habilidades empreendedoras não garante o sucesso no empreendimento, que depende dentre outras coisas, da decisão, de uma atitude para empreender, não obstante possuir as características empreendedoras pode reduzir o caminho.

O desenvolvimento de características empreendedoras também ocorre na área rural. Cella (2002), da Universidade de São Paulo, descreve o empreendedor rural bem sucedido, a pesquisa foi feita com três grupos do Rio Grande do Sul; foram apontadas: competências, procura de informações técnicas e econômicas, participação em eventos ou em curso de aperfeiçoamento técnico, habilidades em promover parcerias, disposição em adotar novas ideias, habilidade em organizar a produção, existência de controle, planejamento de produção, envolvimento da família, envolvimento com os assuntos comunitários e preservação do meio ambiente, o autor conclui que os agricultores

“formam um grupo diferenciado quando se considera os agricultores do Brasil em geral” (CELLA, 2002, p. 126).

No cenário brasileiro, o empreendedor rural é altamente dependente de políticas públicas que o apoiem nas suas atividades. No artigo escrito por Tomei e Souza (2014), os autores falam sobre a relevância da agricultura familiar na década de 1990, em que os agricultores não tinham acesso ao crédito e as políticas públicas. O artigo relaciona a questão do empreendedorismo rural e agricultura familiar com o desenvolvimento e inovação a partir das dificuldades encontradas na agricultura familiar.

Na interpretação de Portela *et al.* (2006), o empreendedorismo é relacionado àquela pessoa que assume riscos, e mesmo antes da Revolução Francesa, esse termo era utilizado para exemplificar o empreendedor como aquele que, ao arrendar um lote de terra, prometia pagar uma renda ao proprietário, mesmo sem saber da futura produção; estava correndo riscos, configurando a incerteza como fator de mercado e a assunção de riscos como característica do empreendedor.

A atividade rural é atividade de alto risco, razão pela qual depende de subsídios governamentais, ou uma taxa de retorno financeiro maior que outros setores, para compensar possíveis perdas na safra ou no plantel de animais, portanto, empreender, no ramo rural exige que a habilidade correr riscos calculados esteja desenvolvida.

2 Materiais e método

Em Lakatos e Marconi (2001), encontram-se alusões a cinco métodos científicos, quais sejam: indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, dialético e específico das Ciências Sociais.

O método investigatório adotado nesta pesquisa caracteriza-se como hipotético-dedutivo, onde se tem um conhecimento prévio do assunto, define-se um problema, elaboram-se conjecturas (solução proposta) a respeito do problema e posteriormente efetuam-se testes de falseamento (tentativas de refutar a hipótese).

Os argumentos de Lakatos e Marconi (2001) baseiam-se em Popper (1975) que afirmava que confirmar uma hipótese é utópico, pois ter-se-ia que acumular todos os casos positivos presentes, passados e futuros, o que é impossível. No entanto, a não-descoberta de caso concreto negativo corroborará a hipótese. Dessa forma, se comprovada, a hipótese é válida porque superou todos os testes, porém, não

definitivamente confirmada, pois poderá surgir um fato que a invalide, como tem acontecido na história da ciência.

O método hipotético-dedutivo impõe que se sigam os seguintes passos na investigação (VAZ, 1998; POPPER, 1980):

- 1 – Observação – identificação da área de interesse da investigação;
- 2 – Revisão preliminar da literatura e informação;
- 3 – Definição do problema da investigação;
- 4 – Estrutura teórica identificação e designação das variáveis;
- 5 – Formulação das hipóteses;
- 6 – Desenho da Investigação;
- 7 – Análise e interpretação da informação recolhida;
- 8 – Dedução-confirmação ou não das hipóteses. Resposta ao problema investigado.

Quanto às técnicas da pesquisa, o presente estudo se utilizou de documentação direta (pesquisa de campo), observação direta intensiva (observação individual e entrevistas) e observação direta extensiva (questionários e formulários) (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Quanto aos procedimentos, seguiu-se os passos da investigação próprias do método hipotético-dedutivo, e a pesquisa foi operacionalizada da seguinte forma:

- 1 – A equipe de pesquisa decidiu trabalhar no tema empreendedorismo rural;
- 2 – Levantou-se a literatura para definir o instrumento de coleta de dados;
- 3 – Definiu-se o problema de investigação, observando a feira de produtores locais que acontece semanalmente na cidade de Turvo-Pr. e entrevistando aleatoriamente produtores rurais para identificar o perfil dos potenciais respondentes do questionário;
- 4 – Estruturou-se a pesquisa tendo por base o artigo de Bracht e Werlang (2015), que foi encontrado na literatura, passou-se email aos autores solicitando o questionário e autorização para utilizar o mesmo modelo, já testado e utilizado anteriormente na cidade de Itapiranga-SC.
- 5 – Formulou-se as hipóteses, tendo sido escolhido a variável riscos, por ter sido observado empiricamente ser relevante para estudo no contexto da cidade de Turvo-Pr.
- 6 – O desenho da investigação envolveu o planejamento da pesquisa, cuja amostra foi de 58 empreendedores rurais cadastrados na base de dados da Receita Estadual da cidade de Turvo-PR, e todos possuíam o Cadastro de Produtores Rurais (CAD/PRO),

exigido no Estado do Paraná, conforme a Norma de Procedimento Fiscal nº 031/2015 (BRASIL, 2015).

7 – Análise e interpretação da informação recolhida, que é detalhada na próxima seção;

8 – Dedução-confirmação ou não das hipóteses com resposta ao problema investigado, que são tratados nas seções posteriores.

O questionário contém trinta perguntas fechadas, e a cada três perguntas é medida e pontuada uma característica empreendedora (baseado em escala Likert). Foi trabalhado com dados primários, coletados na cidade de Turvo – Pr. e dados secundários da cidade de Itapiranga-SC, que foram anteriormente publicados em artigo científico. O uso do mesmo instrumento de pesquisa foi autorizado pelos autores Bracht e Werlang (2015), permitindo a análise comparativa.

Conforme informação dos órgãos governamentais, o universo de produtores rurais cadastrados em Turvo-PR é de 2.280 produtores rurais cadastrados. Todavia, visto a dificuldade de acesso à área rural, sendo ela própria uma limitação de acesso e de tempo, a amostra foi do tipo intencional.

Para identificar os produtores rurais, contactou-se a Secretaria de Agricultura da cidade, a fim de coletar todas as informações dos produtores rurais. Observou-se que na cidade de Turvo, atualmente, os produtores rurais estão organizados em um total de 37 comunidades.

Para resolver a questão tempo e espaço, na coleta dos dados, optou-se por enviar os questionários pelos filhos dos agricultores que estudavam nos colégios da cidade. Por sua vez, os alunos solicitaram para que seus pais respondessem, devolvendo o instrumento de coleta preenchido, em outro dia. Também foram utilizados outros locais para coleta de dados, tais como: a rodoviária, a Olimpíada Rural (evento que acontece anualmente, reunindo boa parte dos produtores no centro da cidade), e também o apoio de um técnico da EMATER, que coletou questionários preenchidos em algumas visitas a produtores.

Esse esforço foi realizado para tentar coletar pelo menos um questionário por comunidade. No entanto, as comunidades de Arroio Fundo, Faxinal dos Vidal, Lageado, Mapim e Santinho 2 não tiveram nenhuma representação na pesquisa. Ou seja, de um total de 37 comunidades, 5 não estão representadas, apesar do esforço despendido para se ter todas representadas na amostra da pesquisa. No total, foram coletados 58 questionários, sendo que algumas comunidades retornaram com mais de um questionário respondido.

Na definição do problema de pesquisa, utilizou-se o método hipotético-dedutivo. Esse método aceita como verdade a hipótese que superou todos os testes, até surgirem novos fatos que a invalidem. Na presente pesquisa, o método define duas hipóteses, para trabalhar-se com o falseamento:

H0 – a característica empreendedora Correr Riscos Calculados apresenta grau negativo na amostra coletada;

H1 – a característica empreendedora Correr Riscos Calculados NÃO apresenta grau negativo na amostra coletada;

Em caso da não comprovação da H0 aceitar-se-á como verdade a H1. O objetivo da pesquisa foi: verificar se na amostra coletada, a característica empreendedora Correr Riscos Calculados apresenta o mesmo padrão que na pesquisa de Bracht e Werlang (2015).

3 Apresentação e Análise dos Dados

A base de dados foi processada em uma planilha no Microsoft Excel®, e os dados foram exportados para o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21, no qual foi possível realizar as análises estatísticas uni variadas, as quais apresentaram valores como: média, frequência e percentagem dos resultados, assim como permitiram fazer associação entre as variáveis: escolaridade, tamanho da propriedade e características empreendedoras.

3.1 Descrição do perfil da amostra

No perfil dos produtores rurais, a faixa etária que mais se sobressaiu é dos 41 aos 50 anos de idade, que representa 37% da amostra. Ao gênero, verificou-se que 52% dos produtores são do sexo masculino, enquanto 45% são do sexo feminino e aqueles que se autodeclararam outro somam um total de 3%.

Quanto a escolaridade dos produtores rurais, na análise gerada pelos SPSS, 51,7% possuem o Ensino Fundamental Incompleto, 12,1% afirmaram possuir o Ensino Fundamental Completo. Já 24,2% possuem o Ensino Médio Incompleto, 5,2% dizem possuir o Ensino Médio Completo, e também 1,7% afirma ter Curso Superior Completo. Dos pesquisados, 1,7% respondeu possuir Pós-Graduação Completa e 3,4% marcou a

opção – outro. A amostra evidenciou que 63,8% dos respondentes possuem até o Ensino Fundamental (somados incompleto e completo).

No que se refere ao tamanho das propriedades, destacou-se a faixa de 0 a 10 hectares, com 63% dos respondentes, seguido de 11 a 20 hectares com 16%, de 21 a 30 hectares com 6% e de 31 a 40 hectares com 6%. Dos produtores que afirmaram possuir propriedades maiores, 5% responderam possuir de 41 a 50 hectares e 4% de 51 ou mais hectares.

A tendência quanto ao perfil da amostra foi: idade entre 41 a 50 anos, predominância do sexo masculino, escolaridade não mais que o Ensino Fundamental Completo e propriedades com não mais que 10 hectares.

Verificando os dados apresentados na pesquisa de Bracht e Werlang (2015, p. 112) foi possível encontrar três tendências semelhantes – a faixa etária, que foi predominante dos 31 aos 50 anos (57% do total), o gênero, com 68% do sexo masculino, representando a maioria e o tamanho da propriedade rural, com 75% sendo na faixa de zero até 20 hectares.

A divergência de perfil nas duas pesquisas foi no quesito escolaridade. Na pesquisa de Bracht e Werlang (2015), 50% dos entrevistados possuíam não mais que o Ensino Fundamental Completo e na presente pesquisa, esse percentual soma 63,8%. É importante destacar que apesar da divergência, ambas as pesquisas representam produtores rurais da Agricultura Familiar, cujo limite para ser caracterizado como tal é o de possuir propriedade com até 70 hectares.

Foi possível comparar as duas pesquisas por ter sido utilizado o mesmo instrumento de coleta de dados e o estudo é relevante por se estar comparando duas cidades de dois estados brasileiros (Paraná e Santa Catarina).

3.2 Análise das características empreendedoras

Na análise dos gráficos e tabelas apresentados abaixo, as dez características empreendedoras são representadas pelas siglas:

BOI: busca de oportunidade e iniciativa;

CRC: correr riscos calculados;

EQE: exigência da qualidade;

PER: persistência;

COM: comprometimento;

BDI: busca de informações;

EDM: estabelecimento de metas;

PMS: planejamento e monitoramento sistemáticos;

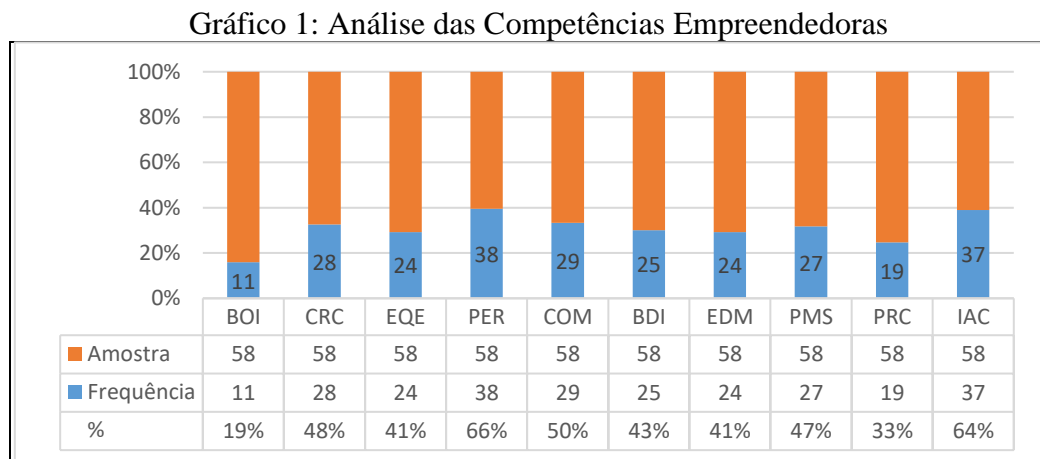
PRC: persuasão e rede de contatos;

IAC: independência e autoconfiança

Foram feitos cinco testes de hipóteses, cujos resultados são apresentados a seguir:

3.2.1 Teste de hipóteses número 1

O gráfico 1 apresenta os resultados encontrados na amostra coletada na cidade de Turvo, estado do Paraná, sendo que a base de cálculo é o total de 58 questionários, que corresponde a 100%.



Fonte: elaborado pelos autores.

Tendo por base os 58 questionários coletados, as três características que mais se destacaram foram: PER (persistência), IAC (independência e autoconfiança) e COM (comprometimento). Já as características que apresentaram menor percentual foram: BOI (busca de oportunidade e iniciativa), PRC (persuasão e rede de contatos), EQE (exigência da qualidade) e EDM (estabelecimento de metas).

O gráfico 1 contempla apenas os números positivos encontrados na amostra, mesmo o menor percentual encontrado (19%) é positivo na amostra coletada. No entanto, para parâmetros de tabulação de dados nesta pesquisa, considera-se que o entorno empreendedor como um todo somente é favorável se encontrado na frequência e percentual (gráfico 1), com números positivos acima de 29 (50%). Nesse critério de análise, de um total de dez características empreendedoras, apenas três apresentaram esses

percentuais, demonstrando um entorno geral não desenvolvido satisfatoriamente quanto ao comportamento empreendedor geral como um todo.

Sobre a característica encontrada em maior percentual, PER, os autores: Rocha *et al.* (2010) destacam que é um fator de ampla discussão, possuindo suas fontes na educação, na convivência familiar e na interação com diversos fatores que o fazem desenvolver essa habilidade. Godoy (2007) afirma que, quanto ao setor rural brasileiro, a persistência tem relação com a vontade que o produtor rural possui em continuar no campo, buscando novas maneiras de adaptação às novas formas de produzir.

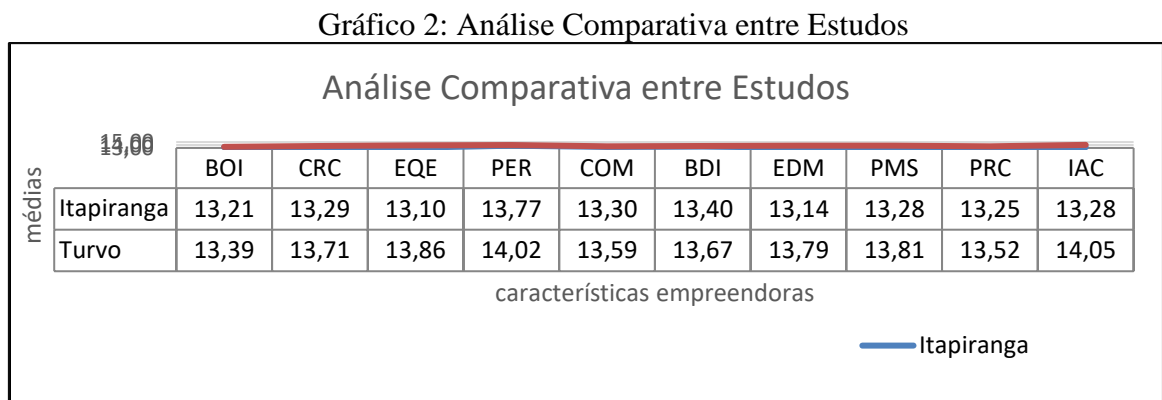
Esses resultados elucidam as prioridades a serem desenvolvidas na região pesquisada quanto ao desenvolvimento das características empreendedoras.

Quanto a característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-PR, foi aceita a hipótese H0 como verdade, pois que ficou em 48%, ou seja, abaixo dos 50% aceitos nos parâmetros da tabulação/análise de dados da pesquisa.

3.2.2 Teste de hipóteses número 2

A fim de se verificar/determinar a presença das características empreendedoras, comparativamente aos estudos de Bracht e Werlang (2015), utilizou-se o método de Lenzi (2008), em que a presença se dá quando o resultado de determinada característica for igual ou superior a 12 pontos, na escala ordinal de 1 a 5 (atribuídas a nunca; às vezes, quase sempre) nos questionários aplicados.

O gráfico 2 ilustra a análise comparativa com a pesquisa de Bracht e Werlang (2015), sendo que o município de Itapiranga se localiza no estado de Santa Catarina e o município de Turvo, no estado do Paraná.



Fonte: elaborado pelos autores

No gráfico 2 observa-se que, em ambos os municípios, as dez características empreendedoras não seguem o mesmo padrão. Ao se comparar os estudos, as características EQE e EDM apresentaram maior distanciamento, ao que, em Itapiranga, as médias foram de 13,10 e 13,14, respectivamente, e no município de Turvo, foram de 13,86 e 13,79, respectivamente.

Observa-se maior proximidade entre as características BOI, PER e PRC, cujas médias encontradas em Itapiranga foram de 13,21; 13,77 e 13,25, respectivamente, e 13,39; 14,02 e 13,52 encontrados, respectivamente, no estudo realizado em Turvo.

Ressalta-se, ainda, o comportamento da característica IAC que, em Turvo, apresentou maior variação de resultado, se comparada com as demais características do gráfico 2, incluindo os dois estudos realizados. Em uma análise geral, percebe-se que o município de Turvo, no Paraná, apresentou resultados mais elevados, com maior perfil empreendedor na amostra coletada.

No gráfico 2 foram selecionados apenas os questionários cuja pontuação estivesse acima de 12 pontos na referida competência. Não obstante, na pesquisa realizada em Turvo –Pr., o parâmetro definido pelos autores da pesquisa para se determinar uma característica como positiva compreendem que sua intensidade mínima seja de 50%, de forma que os 12 pontos definidos por Lenzi (2008) se elevam a 13,5, numa escala entre 12 e 15 pontos, definida no questionário.

Nesse novo rigor metodológico de análise, ao se observar o gráfico 2, os números não aceitos como positivos são atribuídos às características BOI, CRC, EQE, COM, BDI, EDM, PMS, PRC e IAC na cidade de Itapiranga - SC e BOI na cidade de Turvo – Pr.

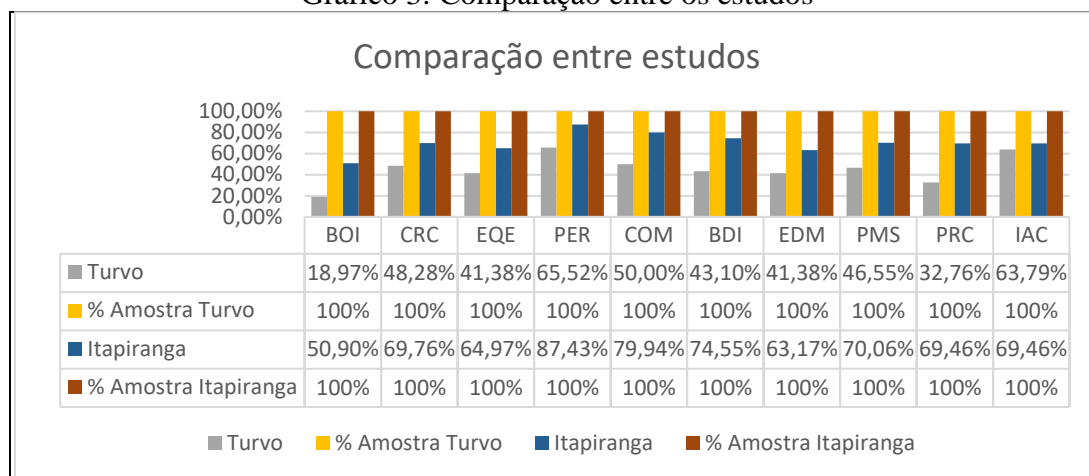
Quanto à característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-PR, foi aceita a hipótese H1 como verdade, pois que, nessa análise, essa característica ficou em 13,71, com 0,21 pontos acima do mínimo de 13,50 exigidos. Na amostra de Itapiranga ficou em 13,29, naquele estudo, portanto confirmada a hipótese H0.

3.2.3 Teste de hipóteses número 3

O gráfico 3 mostra, em percentuais, o total de questionários que obtiveram médias entre 12 e 15 pontos. Por exemplo, na amostra coletada na cidade de Turvo, um total de 18,97% da amostra total de 100%, ficou nessa faixa. O gráfico 3 inclui as amostras coletadas nas cidades de Turvo – Pr., totalizando 58 questionários, e de Itapiranga-SC,

com um total de 334 questionários (BRACHT; WERLANG, 2015, p.112). O gráfico 3 tem por base de 100% os totais das amostras coletadas nas duas cidades.

Gráfico 3: Comparação entre os estudos



Fonte: elaborado pelos autores

Tem-se que na coleta de dados feita por Bracht e Werlang (2015), os percentuais de pessoas com características empreendedoras, tanto no critério adotado por Lenzi (2008) quanto nesta pesquisa, ficaram **acima** de 50%, significando uma amostra com maiores probabilidades de se fazer inferências quanto ao comportamento do todo.

Já na coleta de dados feita na cidade de Turvo – Pr., os percentuais de pessoas com características empreendedoras, tanto no critério adotado por Lenzi (2008) quanto pelos autores da pesquisa na cidade de Turvo-Pr., ficaram **abaixo** de 50%, com exceção das características empreendedoras PER, COM e IAC, com maior limitação quanto à análise de inferências e generalizações quanto ao comportamento do todo.

Analisando conjuntamente os gráficos 3 e 2, percebe-se que, mesmo com menor percentual de características empreendedoras na cidade de Turvo, as médias mostraram maior intensidade, ficando em sua maioria acima dos 13,5 pontos, portanto, acima dos 50% definidos como aceitáveis quanto ao entendimento de se definir uma característica empreendedora como sendo positiva.

Quanto à característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-PR, foi aceita a hipótese H0 como verdade, pois que ficou em 48,28%, ou seja, abaixo dos 50% aceitos nos parâmetros da tabulação/análise de dados da pesquisa.

3.2.4 Teste de hipóteses número 4

Quanto ao grau de escolaridade, na amostra de Turvo-PR (Tabela 1), observa-se que as características empreendedoras se concentraram em grande maioria no Ensino Fundamental Incompleto, com exceção da PRC que apresentou prevalência no Ensino Médio Incompleto (Tabela 1). Tal tendência diverge da pesquisa de Bracht e Werlang (2015), em que a concentração das características ocorreu de modo absoluto no Ensino Médio Completo.

Tabela 1: Relação entre grau de escolaridade com as características empreendedoras

Grau de Escolaridade	B O I	(%)	C R C	(%)	E Q E	(%)	P E R	(%)	C O M	(%)	B D I	(%)	E D M	(%)	P M S	(%)	P R C	(%)	I A C	(%)
Ensino Fundamental Incompleto	10	56%	18	58%	12	41%	23	52%	19	51%	16	48%	14	50%	16	52%	9	33%	20	47%
Ensino Fundamental Completo	1	6%	3	10%	3	10%	5	11%	3	8%	4	12%	2	7%	1	3%	3	11%	4	9%
Ensino Médio Incompleto	4	22%	7	23%	11	38%	11	25%	11	30%	10	30%	9	32%	10	32%	10	37%	12	28%
Ensino Médio Completo	1	6%	1	3%	0	0%	2	5%	2	5%	1	3%	1	4%	2	6%	2	7%	3	7%
Ensino Superior Incompleto	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Ensino Superior Completo	1	6%	0	0%	1	3%	1	2%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	4%	1	2%
Pós-Graduação Incompleta	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Pós-Graduação Completa	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	2%
Outro	1	6%	2	6%	2	7%	2	5%	2	5%	2	6%	2	7%	2	6%	2	7%	2	5%
TOTAL	18	100%	31	100%	29	100%	44	100%	37	100%	33	100%	28	100%	31	100%	27	100%	43	100%

Fonte: elaborado pelos autores

E, conseqüentemente, tal divergência é aparente ao se analisar, isoladamente, a característica empreendedora CRC, objeto do presente estudo. Enquanto na pesquisa de Bracht e Werlang (2015), a característica CRC se encontrava equilibrada entre os graus de escolaridade Ensino Fundamental Incompleto (24%), Ensino Fundamental Completo (23%), Ensino Médio Incompleto (12%) e Ensino Médio Completo (32%), no estudo de Turvo-PR, a participação do Ensino Fundamental Incompleto foi de 58% para a característica CRC (Correr Riscos Calculados), representando a maioria da amostra coletada.

Assim, a característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese H0, que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-PR, foi aceita como verdade, pois que o teste de relação entre escolaridade e característica empreendedora CRC demonstrou concentração no menor Grau de Escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto).

3.2.5 Teste de hipóteses número 5

Quanto ao tamanho da propriedade, na amostra de Turvo-PR (Tabela 2), observa-se que as características empreendedoras se concentraram em grande maioria nas propriedades que medem de 0 a 20 hectares. Na pesquisa de Bracht e Werlang (2015) um total de 75% estavam na faixa de 0 a 20 hectares, de forma que a mesma tendência foi apresentada nas duas pesquisas.

Tabela 2: Relação entre tamanho da propriedade e competências empreendedoras.

Tamanho da Propriedade	B O I	(%)	C R C	(%)	E Q E	(%)	P E R	(%)	C O M	(%)	B D I	(%)	E D M	(%)	P M S	(%)	P R C	(%)	I A C	(%)
0 a 10 hectares	11	61%	17	55%	19	66%	27	61%	24	65%	18	55%	18	64%	19	61%	15	56%	28	65%
11 a 20 hectares	2	11%	5	16%	4	14%	8	18%	4	11%	6	18%	5	18%	4	13%	4	15%	6	14%
21 a 30 hectares	1	6%	3	10%	1	3%	2	5%	2	5%	2	6%	1	4%	2	6%	2	7%	2	5%
31 a 40 hectares	2	11%	2	6%	2	7%	4	9%	3	8%	2	6%	1	4%	1	3%	2	7%	2	5%
41 a 50 hectares	0	0%	1	3%	1	3%	1	2%	1	3%	1	3%	1	4%	1	3%	0	0%	2	5%
51 hectares ou mais	1	6%	2	6%	1	3%	2	5%	2	5%	3	9%	2	7%	3	10%	3	11%	2	5%
Não respondeu	1	6%	1	3%	1	3%	0	0%	1	3%	1	3%	0	0%	1	3%	1	4%	1	2%
Total	18	100%	31	100%	29	100%	44	100%	37	100%	33	100%	28	100%	31	100%	27	100%	43	100%

Fonte: Elaborado pelos autores

A análise isolada da característica empreendedora BOI, na Tabela 2 demonstra que na cidade de Turvo-PR, as propriedades com 31 a 40 hectares respondem por 11%, concluindo que pode haver uma tendência que propriedades maiores apresentem essa característica mais desenvolvida.

Na análise isolada da característica CRC, a tabela 2 revela que 55% dos empreendedores rurais possuem a menor faixa de terra em hectares (0 a 10), comprovando novamente a hipótese de pesquisa H0.

O teste de hipóteses realizado na análise uni variada da Tabela 2 forneceu os elementos necessários para aceitar a hipótese H0 como verdade, pois que o teste de relação entre tamanho da propriedade e característica empreendedora CRC demonstrou concentração no menor Tamanho de Propriedade.

De forma que a característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese H0 que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-Pr, foi aceita como verdade, pois que o teste de relação entre tamanho da propriedade e característica empreendedora CRC demonstrou concentração no menor tamanho de Propriedade.

Conclusões e Recomendações

Apesar de os estudos sobre empreendedorismo terem sido iniciado no século XVII, percebe-se que o assunto permanece bastante novo, com campos inexplorados. Com o crescimento do empreendedorismo no Brasil, verifica-se uma necessidade constante em se conhecer melhor os seus diversos campos de estudo, dentre os quais a identificação das características empreendedoras dos empreendedores rurais.

Nas pesquisas sobre empreendedorismo, quando se mede as características empreendedoras, há uma tendência que a característica Correr Riscos Calculados (CRC) fique abaixo do ideal (grau positivo acima de 50%). Para o alcance do objetivo, utilizou-se o método hipotético-dedutivo, ao que se trabalhou com duas hipóteses: (i) H₀, em que a CRC apresentaria grau negativo na amostra; e (ii) H₁, em que CRC não apresentaria grau negativo.

O método hipotético-dedutivo tem por fundamento que confirmar uma hipótese é utópico, pois ter-se-ia que acumular todos os casos positivos presentes, passados e futuros, o que é impossível devido às novas pesquisas que vão surgindo na dinâmica do avanço científico. No entanto, a não-descoberta de caso concreto negativo corrobora a hipótese.

Após a formulação do problema, o pesquisador busca a comprovação das hipóteses por meio da aplicação de testes estatísticos nos resultados da pesquisa, podendo aceitar uma hipótese alternativa em caso de não comprovação da hipótese central (H₀). No presente estudo foram realizados cinco testes e em quatro deles, a H₀ foi comprovada, sendo aceito como verdade temporária até que se apresentem outros testes que a invalidem.

No teste 1, quanto à característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-Pr, foi aceita a hipótese H₀ como verdade, pois que ficou em 48%, ou seja, abaixo dos 50% aceitos nos parâmetros da tabulação/análise de dados da pesquisa.

No teste 2, quanto à característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-Pr, foi aceita a hipótese H₁ como verdade, pois que, nessa análise, essa característica ficou em 13,71, com 0,21 pontos acima do mínimo de 13,50 exigidos.

No teste 3, quanto à característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-Pr, foi aceita a hipótese H₀

como verdade, pois que ficou em 48,28%, ou seja, abaixo dos 50% aceitos nos parâmetros da tabulação/análise de dados da pesquisa.

No teste 4, a característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-Pr, foi aceita a hipótese H0 como verdade, pois que o teste de relação entre escolaridade e característica empreendedora CRC demonstrou concentração no menor Grau de Escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto).

No teste 5, a característica CRC (correr riscos calculados), lançada como hipótese que apresentaria grau negativo na amostra de Turvo-Pr, foi aceita a hipótese H0 como verdade, pois que o teste de relação entre tamanho da propriedade e característica empreendedora CRC demonstrou concentração no menor tamanho de Propriedade.

A hipótese H0 foi aceita como válida em quatro, dentro de um total de cinco testes realizados, tendo superado a maioria dos testes, porém, essa hipótese não é **definitivamente confirmada**, pois poderá surgir um novo fato que a invalide, a partir de novos estudos.

Estudos sobre as características empreendedoras dos produtores rurais é uma lacuna que necessita ser preenchida, nesse parecer a pesquisa ora realizada apresenta contribuição relevante ao avanço nesse campo científico, pois além de buscar a comprovação da hipótese H0 no estudo da cidade de Turvo-Pr, também ofereceu outros dados sobre as outras características empreendedoras, fazendo a comparação com o estudo realizado na cidade de Itapiranga-SC.

Para fomentar o empreendedorismo por oportunidade é necessário a definição de políticas públicas, os dados desta pesquisa são úteis para análises, servindo de subsídios para esse propósito.

De forma que os objetivos do artigo, tanto acadêmico quanto social foram atingidos, no que se sugere a replicação do estudo em outras cidades brasileiras.

Referências

BARROS, A. A.; PEREIRA, C. M. M. Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 4, p. 975-993, out./dez. 2008.

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. J.; SOUZA FILHO, H. M. Tecnologia de gestão e agricultura familiar. *In*: SOUZA FILHO, H. J.; BATALHA, M. O. (Orgs.). **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: EduFSCar, 2005. p. 13-43.

BARLACH, L. Comportamento empreendedor: um estudo empírico baseado no referencial de McClelland. **ReCaPe Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 272-281, set./dez. 2014.

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 101-124, jan./abr. 2015.

BRAGA, P. C.; SOUZA-LIMA, J. E. de.; MACHADO, C. C.; MACIEL-LIMA, S. M.; SILVA, R. S. Turismo rural, educação ambiental e risco: estudo da percepção dos riscos ambientais de empreendedores de turismo rural na bacia do Rio Verde. **Inter Science Place Revista Científica Internacional**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p. 1-19, jul./ago. 2009.

BRASIL. Receita do Estado do Paraná. Norma de procedimento fiscal n. 031/2015. Estabelece procedimentos relativos ao SPR - Sistema Estadual do Produtor Rural e revoga a NPF n. 036/2010. Curitiba, 9 abr. 2015. Disponível em: http://www.fazenda.pr.gov.br/arquivos/File/NPF_031_2015.pdf. Acesso em: 12 mar. 2016.

CELLA, D. **Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso de um empreendedor rural**. 2002. 147 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, University of São Paulo, Piracicaba, 2002. Disponível em: http://dedalus.usp.br/F/YNHHPJNFMJ2G78HQA6NL3XHRVGJ42EAUX5UQF42MX2LE71GIJ1-52406?func=full-set-set&set_number=000424&set_entry=000001&format=999. Acesso em: 4 fev. 2019.

COOLEY, L. **Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance**. Final Report. Washington: USAID, 1990.

COVAS, A.; COVAS, M. das M. A “agrocultura glocal”: os produtos “glocais” amigos do mundo rural. *In: Cultura, Inovação e Território: o agroalimentar e o rural*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais. V. 1, Cap. 1, p. 17-25, 2009.

DEGEN, R. J. Empreendedorismo: uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. **Revista de Ciências da Administração**. Florianópolis, v. 10, n. 21, p. 11-30, maio/ago. 2008.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura, 1999.

FACHINI, C. *et al.* Incubadora de agronegócios: empreendedorismo como alternativa à pequena produção rural. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 36, n. 12, p. 37-44, dez. 2006.

FEGER, J. E. *et al.* Empreendedores sociais e privados: reflexões sobre suas características comportamentais. **Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 1, n. 1, p. 102-118, jul./dez. 2008.

FERREIRA, J. B.; LASSO, S. V.; MAINARDES, E. Características empreendedoras do produtor rural capixaba. **Gestão & Regionalidade**, v. 33, n. 99, ago. 2017. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/2943. Acesso em: 2 abr. 2019.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun. 1999.

GEM 2015. **Global Entrepreneurship Monitor: empreendedorismo no Brasil**. Curitiba: IBQP, 2014.

GOSS, D. *et al.* Power as practice: A micro-sociological analysis of the dynamics of emancipatory entrepreneurship. **Organization Studies**, v. 32, n. 2, p. 211-229, mar. 2011.

GODOY, M. M. **Persistência do tradicional o processo de modernização da agroindústria canavieira do Brasil e a sobrevivência de formas produtivas não capitalistas**. Textos para discussão Cedeplar-UFMG, 2007. Disponível em <https://ideas.repec.org/s/cdp/texdis.html>. Acesso em: 2 abr. 2019.

GOMES FILHO, A. C.; HONESKO, A.; SILVA, V. L. B.; BEM, R. M. de. Desafio aos gestores de unidades de informação para implementar o intraempreendedorismo e o empowerment. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 118-141, jul./ago. 2011, p. 118-141.

GOMES FILHO, A. C.; ALVES, C. R.; PEREIRA, C. L. Empreendedorismo e Gestão do Conhecimento no ramo farmacêutico: literatura comparada. **Perspectiva em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 115-134, jan./jun. 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANA, J. et al. A relação das competências empreendedoras e da conduta intraempreendedora no setor de serviços educacionais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 77-95, abr./jun. 2013.

LENZI, F. C. **Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte dos setores mecânico, metalúrgico e de material elétrico/comunicação em Santa Catarina: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras reconhecidas**. 2008. 126 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da USP, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAMEDE, M. I. B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores portugueses e brasileiros: um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, ANPAD. 29. 2005. Brasília, DF. **Anais[...]** Rio de Janeiro: Anpad, 2005.

MANSFIELD, R. S.; McCLELAND, D. C. *et al.* **The identification and assessment of competencies and other personal characteristics of entrepreneurs in developing countries.** Boston. Massachusetts. United States: McBer and Company, 1987.

MIHAZAKI, J.; NAZZARI, R. K. Capital social e empreendedorismo rural: a agricultura familiar no oeste do Paraná. *In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DE CASCAVEL*, Unioeste., 4., **Anais[...]** Cascavel: Unioeste, 2005. Disponível em:
<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsaIVSeminarario/Artigos/11.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

MORALES, S. A. **Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos nos empreendedores.** Florianópolis, 2004. 199 f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, J. O empreendedorismo rural e a política de capacitação profissional em pequenas propriedades rurais na região de Araraquara. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2008.

PELLIN, V. A atividade turística no espaço rural catarinense. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 2, p. 1-8, 2004. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115417706001>. Acesso em: 16 out. 2017.

POPPER, K. R. **Conjecturas e refutações.** Brasília, DF: Editora da UnB. 1980. (Publicado originalmente sob o título *Philosophy of Science: a Personal Report*, in *British Philosophy in Mid-Century*, edit. C. A. Mace 1957).

PORTELA, J. *et al.* **Micro Empreendedorismo em Portugal.** PROEFDS-Medida 4.2.2.1 – Estudo e Investigação Projeto nº87/2006. 2006.

RINDOVA, V.; BARRY, D.; KETCHEN Jr., D. Introduction to special topic forum: entrepreneuring as emancipation. **Academy of Management Review**, New York, v. 34, n. 3, p. 477-491, jul. 2009.

ROCHA, D. D. S. da. *et al.* As competências empreendedoras no âmbito tecnológico como ativo estratégico da organização: um estudo baseado na teoria da vantagem de recursos. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 4, n. 3, p. 90-102, set./dez. 2010.

RUIZ, M. S. Agroindústria familiar de Londrina (PR). **UNOPAR Ciento., Ciênc. Jurid. Empres.**, Londrina, v. 3, n. 2, p.7-13, set. 2002.

SAHASRANAMAM, S.; SUD, M. Opportunity and necessity entrepreneurship: a comparative study of India and China. **Academy of Entrepreneurship Journal**, v. 22, n. 1, p. 21-40, jan. 2016.

SCHERER, I. B., MINELLO, I. F. Características do comportamento empreendedor durante o insucesso. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 23-36, jul./set. 2014.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Victor Civita, 1982.

SEBRAE. **Programa Empretec**: programa para empresários e futuros empreendedores. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 20 out. 2008.

SILVA, N. P.; FRANCISCO, A. C. de; HATAKEYAMA, K.; SILVA, M. C. G. da. A importância do empreendedor rural para capacitar, desenvolver e equacionar estrategicamente os recursos sustentáveis, gerando renda e qualidade de vida. **Revista e-ESTUDANTE-Electronic Accounting and Management**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2009.

TOMEI, P. A.; SOUZA, A. Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE**, v. 13, n. 3, p. 107-122, jul./set. 2014.

TONDOLO, V. A. G.; BITENCOURT, C. C.; TONDOLO, R. R. P. Implementação de Estratégia Empreendedora internacional no setor de vinhos: o caso da Vinícola Miolo. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 13, n. 3, p. 363-376, mar. 2011.

VAZ, J. L. de. Questões epistemológicas fundamentais na investigação em gestão: o método hipotético dedutivo. **Estudos de Gestão**, v. 4, n. 2, p. 129-133, 1998.

WILKINSON, J. A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 62-87, out. 2003.

ZAMPIER, M. A.; TAKANAHSHI, A. R. W.; FERNANDES, B. H. Sedimentando as bases de um conceito: as competências empreendedoras. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 1, p. 101- 130, jan./abr. 2012.